

## Las heridas primeras que las aya yo otorgadas: Don Jerónimo e o modelo de bispo guerreiro no Poema de Mio Cid

Bruno Gonçalves Alvaro  
Departamento de História e Programa de  
Pós-Graduação em História da  
Universidade Federal de Sergipe  
[brunoalvaro@yahoo.com.br](mailto:brunoalvaro@yahoo.com.br)  
Recebido em: 05/02/2017  
Aprovado em: 13/04/2017

### Resumo:

Neste artigo analisaremos a construção do personagem *Don Jerónimo*, o bispo guerreiro presente no *Poema de Mio Cid*. Este clérigo é um interessante caso de representação literária do exercício eclesiástico na guerra, ao mesmo tempo, o bispo cidiano apresenta características que podem ser encontradas no cotidiano medieval quando se trata da atuação episcopal em combates militares e, a nosso ver, um tipo de modelo defendido por uma parte considerável de clérigos e leigos em *Hispania*, uma vez que além de bom cristão, Jerónimo atua como um excelente cavaleiro nos momentos em que é evocado no documento, mesmo que com uma acentuação evidentemente exagerada. De todo modo, consideramos que é possível verificar o quanto a literatura era um mecanismo essencial para a propagação de ideias modelares e como, também, funcionava como um instrumento para ecoar os anseios sociais do seu período de produção.

**Palavras chave:** Bispos Guerreiros; Poema de Mio Cid; Castela no Século XIII

### Abstract:

In this article, we analyze the construction of the character of Don Jerónimo, the warrior bishop present in the Poem of the Cid. This cleric is an interesting case of literary representation of the ecclesiastical exercise during war. At the same time, the cidian bishop presents characteristics that can be found in the medieval daily life when it comes to the episcopal action in military combats and, in our opinion, a kind of model defended by a considerable number of both clergy and laymen in Hispania. Besides being a good Christian, Jerónimo acts as an excellent knight in the moments he is evoked in the document, although with evident exaggerated accentuation. In any case, we consider that it is possible to verify how much literature was an essential mechanism to the propagation of model ideas and how it functioned as an instrument to echo the social longings of its production period.

**Keywords:** Warrior Bishops; The Poem of the Cid; Castile in Century XIII

“Não são precisos, acima de tudo, prelados capazes de governar e até de fazer a guerra?”

Marc Bloch, 1982 [1940].

### Notas introdutórias sobre o *Poema de Mio Cid*

O *Poema de Mio Cid*,<sup>1</sup> é um documento literário cuja autoria é classificada pela maioria dos especialistas como desconhecida, no entanto, há algumas pesquisas acerca do tema (GUTIÉRREZ AJA; RIAÑO RODRÍGUEZ, 2006; ZADERENKO, 1998; CHASCA, 1970, entre outros). Rios e rios de tintas já correram, contudo, o debate permanece em aberto, o que não significa que isso se apresente como um impedimento para o constante e crescente interesse por parte de pesquisadores das mais variadas áreas das Humanidades. Tenho encarado este fenômeno como um grande fôlego interdisciplinar que o *PMC* foi adquirindo ao longo da história das investigações a respeito de seu autor (LACOMBE, 2000; MICHAEL, 1991; SAINZ MORENO, 1990; DEYERMOND, 1985 e SMITH, 1985).

Também há uma grande divergência acerca de sua data de composição, pois consta ao final do único manuscrito preservado: “mes de mayo en era de mill e .cc xlv. años” (*PMC*, 152:3732-3733), ou seja, mês de maio na Era de 1245. Segundo Richard Fletcher (2002) e Colin Smith (2001), a era espanhola de 1245 equivale ao ano de 1207 d.C. Há aqueles que defendem que a assinatura corresponda ao dia em que a cópia foi concluída. Alguns outros, como, por exemplo, Ramón Menéndez Pidal (1947), defendem como data da cópia do único manuscrito preservado até hoje, o ano 1307 e não 1207. *De maneira geral, durante muitos anos, as teses que mais se sobressaíram a respeito da datação do PMC foram as defendidas por Menéndez Pidal e por Colin Smith.*

*O primeiro dizia que o poema fora composto em meados de 1140 e a cópia que chegou até nós dataria de 1307. Em 1961, esse mesmo estudioso ainda defenderia a tese de que o PMC teria sido escrito por dois autores, que a parte “mais verídica” dos acontecimentos históricos teria sido redigida em princípios do século XII, na região de San Esteban de Gormaz, e todo o caráter novelesco, as inexatidões do poema, etc, em 1140, em Medinaceli.*

*Tal tese foi refutada por Antonio Ubieta Arteta, ao defender que o autor do poema “fue un possible guerrero aragonés que colaboró en la reconquista de la Tierra de Campos para Alfonso VIII en 1196-1197” (UBIETO ARTETA, 1980, p. 574).*

*Por sua vez, Colin Smith (1983) defendeu que a autoria do poema foi de Per Abbat, em 1207. Ele foi seguido, mas também refutado por alguns autores (LACOMBE, 2000; MICHAEL, 1991; SAINZ MORENO, 1990; DEYERMOND, 1985; MONTANER FRUTOS, 1983, etc.). Porém, ainda há discordâncias quanto à datação da obra. Fletcher afirma:*

*Pouquíssimos, hoje em dia, concordariam com Menéndez Pidal, quanto ao que o poema já existisse por volta de 1140. No decorrer dos últimos trinta e poucos anos, linhas de pesquisa distintas, mas convergentes, sobre tópicos como a linguagem do poema, suas referências a procedimentos jurídicos e burocráticos e sobre o fato de ele parecer dever muito ao épico do francês antigo do século XII tendem a sugerir que é pouco provável que a obra tenha sido escrita antes de 1175 (FLETCHER, 2002, p. 254).*

*No geral, ainda existem pesquisadores, entre os quais me incluo, que trabalham com a linha investigativa de que 1207 foi a data de composição do poema e que Per Abbat foi seu autor e não o copista.*

O manuscrito do PMC, em seu estado atual, é composto por 74 folios num total de 3.733 versos e se encontra atualmente na Biblioteca Nacional de Madri, na Espanha. Sabemos que falta uma folha no início do manuscrito e mais duas no interior, desta maneira podemos supor que o poema em seu estado original tinha, aproximadamente, 4.000 versos ou um pouco menos. Seu principal conteúdo são os feitos heroicos do cavaleiro Rodrigo Díaz de Vivar ou El Cid que nasceu, provavelmente, na terceira ou quarta década do século XI na aldeia de Vivar, a poucos quilômetros ao norte de Burgos, na época, território pertencente a coroa de Castela e Leão, sob o governo de Fernando I (1035-1065). O texto está dividido em três núcleos narrativos que comumente são denominados pelos estudiosos como: Cantar del destierro (Cantar I), Cantar de las bodas (Cantar II) e Cantar de la afrenta de Corpes (Cantar III).

Esta será a principal fonte que utilizarei para responder alguns questionamentos a respeito do modelo de bispos guerreiros presentes na produção literária, mas, também no contexto senhorial ibérico na Idade Média Central.

Para este artigo, mesmo reconhecendo a importância numérica das edições críticas existentes e tendo contato com elas, optei por me valer da edição do PMC realizada por Colin Smith, cuja vigésima segunda edição data de 2001.<sup>2</sup>

### **A ação senhorial-eclesiástica: *Don Jerónimo* e o *éthos* militar do episcopado ibérico**

O contexto social da Península Ibérica mesclava entre os séculos XI e XIII, ao que parece, a necessidade constante de conciliação entre a espada e a palavra, uma vez que o cotidiano guerreiro não estava isento dos interesses eclesiásticos, principalmente daqueles bispos que possuíam territórios de fronteiras entre reinos islâmicos ou cristãos e que estavam em constante contato com as monarquias. Nesse sentido não é nenhuma novidade, ou absurdo, nos depararmos nos mais variados tipos de documentos, com clérigos que empunhavam o equipamento militar na luta contra os muçulmanos ou qualquer um que se levantasse e ameaçasse seus domínios. Entretanto, para além da documentação, se faz necessário olhar também para a historiografia e para aquilo que ela reproduz. Há de se ressaltar que para alguns historiadores, a igreja peninsular há tempos vinha passando por transformações em seu seio. Para essa linha interpretativa (FRAZÃO DA SILVA, 1995), alguns aspectos da chamada “Reforma Gregoriana” vinham sendo inseridos em solos ibéricos desde o século XI, principalmente no reino de Castela.

Este tipo de afirmação tem permeado durante muito tempo uma série de trabalhos no Brasil influenciados pelas mais importantes correntes europeias. Mas, de minha parte, prefiro pensar que aquilo que meus colegas chamam de “Reforma Gregoriana” ou “Papal” como um fenômeno político da Idade Média Central está mais próximo do que recentemente Leandro Duarte Rust (2013 e 2011) vem chamando atenção: um “projeto” tipicamente posterior, quase mitológico, e que não nos surpreende produzir silêncios documentais do período papal. Enxergar uma Igreja

Romana tentacular e de cunho centralizador é tomar de empréstimo as penas dos nossos antepassados intelectuais do século XIX. Ou, talvez, daqueles que se saíram vencedores nos embates sobre o assunto.

Por isso, defendo, de forma a provocar um debate, que estas não são simples questões de fundo historiográfico ou de postura conceitual na leitura de um contexto tão profícuo para análises de relações de poder quanto o da Idade Média Ibérica. Concordar ou não concordar se houve um processo sistemático de aceitação das normas eclesiásticas romanas como um projeto político interferindo na igreja castelhana, mesmo relativizando que não foi algo automático, tampouco simples, pode dificultar ou mesmo anular, a meu ver, o leque de amplas possibilidades de estudo das ações militares e violentas dos eclesiásticos de Castela e adjacências.

Partindo da premissa de que o *PMC* foi concluído em 1207, se pode afirmar que ele se insere no quadro político-religioso no qual se encontravam as dioceses castelhanas e que, conforme a historiografia, era o de resistência à introdução das decisões tomadas no IV Concílio de Latrão (1215), mesmo com alguma aproximação gradual e a adoção de alguns postulados vindos externamente desde o século XI (FRAZÃO DA SILVA, 2008 e 1995; GARCÍA Y GARCÍA, 2005, entre outros).

Como destaca García y García, os clérigos ibéricos, mesmo depois da assembleia do século XIII, não “muestran especial entusiasmo en tal sentido, pese a recibir algunas admonestaciones pontificias en tal sentido para aplicar las reformas lateranenses” (GARCÍA Y GARCÍA, 2005: p. 89).

Mais uma vez, a palavra *reforma* tintila com seu tom estridente, anunciando dois dados, aparentemente, sacramentados na historiografia em vigor sobre a Península Ibérica, aquela que permanece em posição de soberania entre nós: 1) O IV Concílio de Latrão foi “de fato” uma reunião episcopal na qual havia um projeto normativo generalizante por parte da igreja (de Roma) em impor o peso da diretiva papal sobre as demais igrejas e, conseqüentemente, seus bispos e, 2) Os clérigos ibéricos, no geral, como afirma García y García, não foram totalmente receptivos a tais instruções, assim, é possível supor que às igrejas ibéricas se reservaria um posto de marginalidade junto ao quadro político de relações episcopais no período.

Diante disso, questiono se a documentação permitiria total segurança para tais setas de direção ao caminho da aceitação do discurso reformista na historiografia, principalmente, levando em consideração o interessante quadro senhorial-episcopal da Península Ibérica na Idade Média (ALVARO, 2013 e 2017).

Esses dados relacionados à negação do que vem de Roma, ao quase “descaso” às normativas lateranenses – desde os primeiros concílios romanos da Idade Média Central – não seriam, na verdade, referências antigas que devam ser revistas para que possamos observar o quanto os episcopados de Castela ou até mesmo ibéricos como um todo, estavam mais preocupados com as relações imediatas em seu território do que com as diretrizes vindas de fora? Ou indo muito mais além, mesmo sabendo que não nos preocuparemos em responder isso neste texto: Não foram os próprios concílios de Latrão (do I ao IV) reuniões locais preocupadas com os problemas imediatos do próprio trono de São Pedro, ao contrário de um ousado projeto de centralização?

Influenciado pelas afirmações de Leandro Duarte Rust e Andréia C. Lopes Frazão da Silva, de que “a vulnerabilidade atualmente estampada no traçado da ideia de uma *Reforma Gregoriana* é a imagem espelhada da qualidade inesgotável do saber

histórico”. E, ainda, que este postulado tão presente no cotidiano da cada um de nós medievalistas, “trata-se (...) de uma prova *a fortiori* de que reunir “milhares e milhares de páginas” sobre uma fatia de passado não é razão suficiente para que os historiadores o encerrem em molduras intransponíveis ou cedam à vã pretensão de tê-lo exaurido” (RUST; FRAZÃO DA SILVA, 2009: p. 147), o presente artigo poderia ser um laboratório para analisar documentos conciliares ibéricos dos séculos XI ao XIII para encampar minha hipótese de que a guerra e a violência conduzida pelos episcopados são elementos fulcrais na compreensão de que a constante afirmação de uma centralização política da Igreja de Roma é um relativo exagero que, inclusive, simplifica a aristocratização dos bispos e a forte senhorização das suas relações no período (ALVARO, 2013). Considero que estes dados são pertinentes para compreendermos o seu *éthos* militar e a consequente explicação para as recusas e empecilhos das normativas lataranenses nos seus territórios.

Leandro Duarte Rust, em suas investigações recentes sobre a atuação episcopal na guerra, tem trazido à tona importantes considerações que seguem de perto o que acabo de afirmar. Porém, sua pesquisa surge com o vigor de entender a guerra e, conseqüentemente, a violência, como um sacramento conduzido pelos bispos medievais como uma expressiva imagem da própria salvação (RUST, 2016, p. 220). Assim, a guerra episcopal surge aos olhos do pesquisador, num exímio trabalho empírico de análise cronística e conciliar, como um verdadeiro elemento de ordem pública (RUST, 2016: p. 223-225).

Nos voltando à problemática esboçada nos questionamentos anteriores e seguindo de perto o que foi exposto acima, preferi, por uma série de motivos e que incluem uma tentativa de síntese, deixar um pouco à margem a documentação conciliar e me fixar sobretudo no *PMC*, encarando-o como um tipo de elemento novo a ser abordado na compreensão das ações senhoriais-episcopais e seus aspectos militares. Da mesma maneira que as hagiografias medievais têm sido objeto de estudo na defesa da inserção gradual das normativas romanas em solo ibérico (FRAZÃO DA SILVA, 2008), defenderei aqui que o *PMC* pode nos possibilitar o caminho inverso de compreensão.

Frente a tudo o que foi exposto, defendo que Per Abbat, como clérigo e poeta autor do *PMC*, estava inserido nesse contexto senhorial-episcopal como uma das muitas testemunhas das transformações sociais da cristandade, assim como o clérigo e poeta Gonzalo de Berceo ao compor suas hagiografias no mesmo século XIII (ALVARO, FRAZÃO DA SILVA, 2010). Neste sentido, *Don Jerónimo* é a exemplificação no *PMC* da complexa atuação eclesiástica nas relações de poder inerentes às suas funções como senhores de terra e condutores de igrejas.<sup>3</sup>

Curiosamente, tanto o autor do *PMC* quanto seu principal personagem eclesiástico<sup>4</sup> são, aparentemente, uma afronta ao cânone 18 do IV Concílio de Latrão, que de maneira explícita proíbe “todo clérigo dictar o ejecutar sentencias de muerte; les está prohibido llevar a cabo los castigos que supongan derramamiento de sangre y asistir a la ejecución de los mismos” (*LATARENSE IV*: p. 173). Segundo Jean-Claude Schmitt:

“(...) o fato dos clérigos serem proibidos de derramar sangue está relacionado com a obrigação de castidade. (...) trata-se de preservar o clérigo da impureza corporal e principalmente o padre que, pelo contrário, tem como função consagrar o sangue de Cristo. Os clérigos não podem ser cirurgiões, não devem caçar nem guerrear, e os tribunais eclesiásticos abstêm-se de

condenações capitais (eles confiam as condenações à morte ao ‘braço secular’)” (SCHMITT, 2002: p. 242).

A despeito do que demonstra Schmitt sobre as normativas da Igreja, *Don Jerónimo* representa uma forma de clérigo atuante no ofício da guerra, diferentemente, por exemplo, de Bernardo de Claraval, que ao escrever aos Cavaleiros do Templo, foi bem claro em apresentar sua limitação de não poder pegar em armas, mesmo com seu desejo de violência contra os “inimigos” da cristandade: “como no me era permitido servirme de la lanza contra los insultos de los enemigos, deseaste que, a lo menos, emplease mi lengua y mi ingenio contra ellos” (*De la Excelencia de la Nueva Milicia*: p. 853).

É importante observar aqui que o discurso cristão, mesmo quando se desenvolve em contraposição a atuação de seus principais integrantes – os clérigos – em campanhas militares, ao uso de armas, etc., não ignora ou deixa de invocar sua sede por uma violência restauradora, santificada. Afinal, é através dela que o sangue derramado purificava a sociedade e abria os caminhos para a salvação. Ora, o qual mais perfeito não seria esse processo ao ser conduzido por um bispo sensível às demandas sociais por justiça através das armas?

Parece-me que, se para o abade de Claraval, os cavaleiros do Templo são em meados do século XII a manifestação viva e concretizada da guerra santa de Agostinho de Hipona, para Per Abbat o personagem do seu poema vai bem mais além ao representar os bispos guerreiros atuantes no século XIII e – por que não? – do seu passado medieval castelhano.

*Don Jerónimo* é inserido por ele no *PMC* a partir dos versos 1287 e 1288. O bispo surge em Valência como um verdadeiro alento aos cristãos partidários de *El Cid*, o protagonista do poema: “En estas nuevas todos se(a) alegrando/ de part de orient vino un coronado” (*PMC* 78:1287-1288). Ele supre, aliás, uma lacuna institucional:

“Quando lo oyo mio Çid de aquesto fue pagado:/ ¡Oid, Minaya Albar Fañez: por aquel que esta en alto,/ quando Dios prestar nos quiere nos bien gelo gradescamos!/ En tierras de Valençia fer quiero obispado/ e dar gelo a este buen christiano./ Vos quando ides a Castiella levaredes buenos mandados./ Plogo a Albar Fañez de lo que dixo don Rodrigo./ A este don Jeronimo yal otorgan por obispo,/ dieron le en Valençia o bien puede estar rico;/ ¡Dios, que alegra era todo christianismo/ que en tierra de Valençia señor avie obispo!/ Alegre fue Minaya e spidios e vinos” (*PMC* 78: 1296-1301 e 79: 1302-1307).

Não há existência de evidências documentais sobre *Don Jerónimo* além do *PMC*, ou seja, não podemos afirmar com toda certeza se estamos ante um personagem histórico específico que tenha influenciado na sua construção literária, como o caso do próprio *El Cid* e de outros personagens presentes no poema. Mesmo levando em consideração estudos como os de Lacombe (2000) ou Sainz Moreno (1990), afirmar que o *Jerónimo* do *PMC* seja a representação do bispo Jerónimo de Périgord que esteve, de fato, à frente da diocese de Valencia e, posteriormente, de Salamanca, vindo a falecer em 1120, incorreria em ignorar, por exemplo, o dado de que na região de Castela e em grande parte da Península Ibérica, entre os séculos XI e XIII, documentam-se uma série

de bispos que atuaram ativamente no exercício militar como, por exemplo, Bernardo e Rodrigo de Sigüenza, Diego Gelmírez ou mesmo Rodrigo Jiménez de Rada, do mesmo modo que o personagem do *PMC* (ALVARO, 2016 e 2014). Finalmente, isso não anula a afirmação de que esse tipo de clérigo bélico estava inserido no cotidiano social do autor do *PMC*, seja este Per Abbat, como defendemos, ou Jerónimo de Périgord, como coloca Sanz Moreno.

Inclusive, a narrativa de instauração do “episcopado” em Valência, como narrado pelo clérigo poeta no *PMC*, está em sintonia com a trajetória de diversos bispos medievais da Península Ibérica – e de fora dela – que em algumas vezes recebiam o território diocesano como fruto de uma relação de negociação senhorial com a aristocracia laica, como, por exemplo, a partir de sua participação nas empreitadas militares destes, ou o tomavam por direito de conquista, principalmente quando o território encontrava-se ocupado por lideranças muçulmanas (ALVARO, 2013). Como afirmam María del Carmen *Gutiérrez Aja* e Timoteo *Riaño Rodríguez*:

“Centrándonos en el reinado de Alfonso VIII, en el que se escribió el *Cantar [PMC]*, ay que reconocer que los obispos de Toledo, Palencia, Ávila, Segovia, Osmá, Sigüenza consagraron muchos esfuerzos a las armas. Y no solamente acompañando al Rey en empresas militares sino emprendiendo y sufragando particularmente ellos la guerra con sus mesnadas. De esa forma, ensanchaban los dominios cristianos y de sus propias diócesis por los privilegios y donaciones que conseguían del monarca en pago de los cortes *guerreiros*” (GUTIÉRREZ AJA; RIAÑO RODRÍGUEZ, 2006: p. 308).

Um emblemático caso de conquista territorial e instauração de dominação senhorial como projeto particular pode ser observado no século XII com a tomada de Sigüenza pelo bispo eleito Bernardo de Agen que empreendeu junto com sua *mesnada* uma campanha militar contra os muçulmanos que ocupavam a capital de seu bispado (BLÁZQUEZ GARBAJOSA, 1988: p.42-46). Há de destacar que o senhor-bispo seguntino e mesmo o personagem *Don Jerónimo* nos remetem muito a essa lógica de compensação ao exercício militar dos clérigos, basta uma retomada aos versos do *PMC* já citados e que salientam que foram as vitórias e ganhos territoriais de *El Cid* contra os muçulmanos que atraíram o eclesiástico para o tumultuado campo de batalha em Valência.

É interessante verificar que esse personagem eclesiástico possui diversas qualificações além das militares, ou seja, aquelas que nos interessam sobremaneira neste artigo. *Don Jerónimo* também é descrito como um clérigo letrado e muito sensato (*PMC* 78:1290). Curiosamente, tais aspectos parecem não fugir ao tipo de clérigo almejado no cânone 27 do IV Concílio de Latrão, que exorta

“que formen con verdadero esmero a quienes deben ser promovidos al sacerdocio, que los instruyan personalmente o por medio de otras personas capacitadas, en la forma de celebrar los oficios divinos y los sacramentos de la Iglesia, según está mandado” (*LATARENSE IV*: p. 178).

Isto, ao menos para mim, evidencia que a “marginalização” eclesiástica ibérica por não estar em sintonia com as normatizações “reformistas” do famoso Concílio de Latrão IV é algo que deve ser debatido. A impressão de “ignorância” e “atraso” nas

atitudes militares e ações violentas dos bispos caem por terra quando observamos que além de “bom cavaleiro” – “de pie e de cavallo mucho era areziado” (*PMC* 78:1291) –, *Don Jerónimo* é também um clérigo bem preparado no exercício da palavra: “bien entendido es de letras e mucho acordado” (*PMC* 78:1290). Per Abbat atribui, dessa maneira, ao seu modelo de bispo, características aparentemente díspares para a historiografia mais tradicional da “reforma”, pois ele é forte não só na fé ou no manejo da palavra, *Don Jerónimo* domina os dois âmbitos de ação social.

É importante ressaltar que o contato entre *El Cid* e *Don Jerónimo* é sempre marcado por duas práticas aparentemente distintas para a historiografia mais encontrada a respeito da violência eclesiástica, porém, no poema aparecem sempre em consonância: a pregação e o combate armado.

Como dito, o clérigo *cidiano*, diferentemente do que observamos anteriormente no abade de Claraval, não se utiliza apenas da língua para empreender batalhas contra os inimigos da cristandade, e não é só a lança e a palavra que *Don Jerónimo* maneja com extrema perfeição, mas todo o equipamento militar. Nesse ponto, Per Abbat o aproxima muito de *El Cid* e dos demais cavaleiros encontrados no decorrer de todo o poema. A narrativa completa de sua chegada e recepção é a seguinte:

“en estas nuevas todos se(a) alegrando/ de partede orient vino un coronado:/ el obispo don Jeronimo su nombre es lamado,/ bien entendido es de letras e mucho acordado,/ de pie e de cavallo mucho areziado./ Las provezas de mio Çid andava las demandando,/ sospirando (el obispo) quês viesse con moros en el campo,/ que si fartas lidiando e firiendo con sus manos/ a los dias del sieglo non le lorassen christianos” (*PMC*, 78:1287-1295).

Como constantemente afirmado, verifica-se que o bispo não se difere muito da representação dos demais homens guerreiros presentes no *PMC*. Mesmo se tratando de um clérigo, que, como relata o autor, tem o domínio das letras, ele ainda tem o trato no lidar com as armas, e sua chegada, segundo o texto, provoca euforia entre o séquito de *El Cid*.

Segundo o medievalista Francisco García Fitz:

“La figura del obispo-guerrero resulta relativamente frecuente en el ámbito hispánico y, particularmente, en el contexto de lucha contra el islam, si bien la participación de dignidades eclesiásticas en conflictos contra cristianos tampoco resulta extraña” (GARCÍA FITZ, 2010: p. 157).

Volto a insistir: atuação militar episcopal não é nenhum tipo de anomalia social. Porém, frente a isso, García Fitz nos traz um alerta específico quanto ao personagem analisado:

“Quizás la imagen del obispo Jerónimo que se ofrece en el *Cantar de Mio Cid* no pueda ser considerada como um modelo aplicable al resto de la jerarquia hispánica, ni siquiera a aquellos personajes eclesiásticos que llegaron a tener una implicación más asidua en las cuestiones militares. Recuérdese que en aquella obra el obispo no sólo no se distingue por su comportamiento de cualquier otro compañero de armas de Rodrigo Díaz, sino que incluso presenta unos rasgos marcadamente belicosos, propios de un

individuo aguerrido, ansioso por entrar en combate, dispuesto a exigir una posición de vanguardia en la formación de batalla, habilidoso con la Lanza y con la espada, presto a manchar sus manos con la sangre de sus enemigos, a los que mata a pares” (GARCÍA FITZ, 2010: p. 158).

Compreendo a cautela do professor Francisco García Fitz, um dos mais eminentes e respeitados especialistas no estudo da *Reconquista* e da Guerra Medieval na atualidade, contudo, prefiro me manter na defesa de que mesmo com todos os evidentes exageros, típicos deste tipo de literatura, *Don Jerónimo* se aproxima muito daquilo que identificamos como as funções e ações senhoriais dos bispos medievais, sendo elas as minhas principais referências (Ver, novamente, RUST, 2016). De todo modo, é justo registrar que apesar de esboçar esse cuidado no que diz respeito à caracterização das ações do bispo *cidiano* como sendo de cunho tão personalistas, o próprio Francisco García Fitz pondera mais uma vez, trazendo à tona que:

“Ciertamente, quizás no deba suponerse que la participación habitual de los obispos y otros hombres de Iglesia en las guerras fuera siempre tan personal, directa y cruenta como expone o poeta, pero desde luego existe constancia suficiente para afirmar que los clérigos iban armados a los combates con un equipamiento equiparable al de cualquier outro guerrero: lanzas, escudos, espadas, cotas de malla, caballos, arneses... se citan en los testamentos de diáconos, archidiáconos y levitas catalanes del siglo X, y cabe imaginar que si los tenían e iban con ellos a las campañas, era para utilizarlos” (GARCÍA FITZ, 2010: p. 159).

Ora, é perceptível que o bispo do *PMC*, ao que tudo indica, assim como os clérigos catalães do século X, não queria apenas estar à frente da missa como comumente se esperaria dele. Ele quer participar dos combates contra os muçulmanos. E essa oportunidade logo lhe é dada com a chegada das tropas do rei marroquino *Yuçef*.

O autor do poema descreve que:

“El dia es salido e la noche entrada es./ Nos detardan de adobasse essas yentes christianas./ A los mediados gallos antes de la mañana/ el obispo don Jheronimo la missa les cantava;/ la missa dicha Grant sultura les dava:/ ‘El que aqui muriere lidiando de cara/ prendol yo los pecados e Dios le abra el alma./ A vos, Çid don Rodrigo – ¡en buena ora çinxiestes espada! –/ hyo vos cante la missa por aquesta mañana;/ pido vos un don e seam presentado:/ las feridas primeras que las aya yo otorgadas.’/ Dixo el Campeador: ‘Des aqui vos Sean mandadas.’/ Salidos son todos armados por las torres de Va[le]nçia” (*PMC*, 94:1699-1711).

Finalmente, o texto afirma que após a vitória cristã “El obispo don Jheronimo caboso coronado/ quando es farto de lidiar con amas las sus manos/ non tiene en cuenta los moros que ha matados; lo que caye a el mucho era sobejano” (*PMC*, 95:1794-1795).

*Don Jerónimo* não se contenta apenas em ser um bom pastor de almas e conduzir os fiéis à salvação após a missa rezada. Ao contrário, me parece que seu ofício eclesiástico, segundo a perspectiva do autor do *PMC*, só é completa com sua participação no campo de batalha.

A descrição do *éthos* guerreiro do bispo surge mais uma vez na documentação quando da ocasião em que novamente as forças marroquinas, agora lideradas pelo rei *Búcar*, investem contra a cidade de Valência. Considero essa a passagem mais emblemática sobre a ação militar de *Don Jerónimo* e defendo ser o melhor exemplo daquilo que os historiadores chamam de *sociologia histórica das práticas culturais* (CHARTIER, 2002). Vejamos o que a narrativa tem a nos instigar:

“Afevos el obispo don Jheronimo muy bien armado,/ paravas delant al Campeador siempre con la buen auze:/ ‘Ou vos dix la missa de Santa Trinidad,/ por Esso Sali de mi tierra e vin vos buscar/ por sabor que avia de algun moro matar./ Mi orden e mis manos querria las ondrar/ e estas feridas yo quiero ir delant;/ pendon trayo a corças e armas de señal,/ si plogiesse a Dios querria las ensayar,/ mio coraçon que pudiesse folgar/ e vos, mio Çid, de mi mas vos pagar./ Si este amor non feches yo de vos me quiero quitar.’/ Essora dixo mio Çid: ‘Lo que vos queredes plaz me./ Afe me los moros a ojo, id los ensayar;/ ¿nos d’aquent veremos commo lidia el abbat!’/ El obispo don Jheronimo priso a espolonada/ e iva los ferir a cabo del albergada:/ por la su ventura e Dios quel amava/ a los primeros golpes dos moros matava de la lança;/ el astil a quebrado e metió mano al espada,/ ensayavas el obispo, ¡Dios, que bien lidiava!/ Dos mato con lança e .v. con el espada;/ los moros son muchos, derredor le çercavan,/ daban le grandes golpes, man nol falssan las armas” (PMC, 116: 2368-82 e 117: 2383-91).

É possível observar no trecho acima como o *PMC* segue uma lógica de construção de qualificações positivas para o personagem clerical baseado em elementos como coragem, honra, defesa da cristandade, extrema violência, etc. No mesmo documento, se analisarmos os feitos dos personagens laicos, será possível evidenciar os mesmos traços em suas construções, vejamos, por exemplo, *El Cid*:

“El que en buen ora nasço los ojos le fincava,/ enbraço el escudo e abaxo el asta,/ aguijo a Bavioca el Cavallo que bien anda,/ hiva los ferir de corañon e de alma;/ en las azes primeras el Campeador entrava,/ abatio a .vii. e a .iiii. matava./ Plogo a Dios aquesta fue el arrancada./ Mio con los suyos cae en alcança:/ veriedes quebrar tantas cuerdas e arrancar se las estacas/ e acostar se los tendales, con hebras eran tantas./ Los de mio Çid a los de Bucar de las tiendas los sacan.// Sacan los de las tiendas, caen los en alcaz;/ tanto braço con loriga veriedes caer apart,/ tantas cabeças con yelmos que por el campo caen,/ cavallos sin dueños salir a todas partes;/ .vii. migeros conplidos duro el sugudar./ Mio Çid al rey Bucar cayol en alcaz:/ ‘¡Aca torna, Bucar! Venist d’alent mar,/ verte as con el Çid el de la barba grant,/ ¡saludar nos hemos amos e tajeremos amistad[d]!’/ Respuso Bucar al Çid: ‘¡Cofonda Dios tal amistad!/ El espada tienes desnuda en la mano e veot aguijar,/ asi commo semeja en mi la quieres ensayar;/ mas si el cavallo non estropieça o conmigo non caye/ ¿non te juntaras comigo falta dentro en el mar!’/ Aquí respuso mio Çid: ‘¡Esto non será verdad!’/ Buen cavallo tiene Bucar e grandes saltos faz/ mas Bavioca el de mio Çid alcançando lo va./ Alcançandolo el Çid a Bucar a tes braças del mal,/ arriba alço Colada, un grant golpe dadol ha,/ las carbonclas del yelmo tollidas gela[s] ha,/ cortol el yelmo e – librado todo lo hal –/ fata la çintura el espada legado ha./ Mato a Bucar al rey de alen mar/ e gano a Tizon que mil marcos d’oro val./ Venço la batalla maravillosa e grant” (PMC, 117: 2392-2402 e 118: 2403-27).

É evidente que *El Cid*, frente aos demais personagens, incluindo o próprio *Don Jerónimo*, possuirá uma construção sempre em nível de perfeição no *PMC*, funcionando como um tipo de modelo definidor para o que seria um cavaleiro e cristão ideais. Contudo, nos cabe aqui observar que, no caso específico do bispo guerreiro, seu processo de elaboração textual não se afasta ou mesmo não é estabelecido com limitações por sua condição clerical.

O que quero dizer é que mesmo que *El Cid* seja o arquétipo literário de modelo de bom cavaleiro e cristão no documento, ele ao que parece não atravessa a barreira delimitadora entre clérigos e laicos. Por outro lado, *Don Jerónimo*, em tese, seria um exemplo de “rompimento” de tais barreiras constitutivas. Contudo, como demonstramos, tais barreiras, na verdade, poderiam jamais ter existido no cotidiano da sociedade senhorial ibérica, por isso sua aceitação durante toda a narrativa. Tal atuação militar do clero, sobretudo, episcopal, seria, ao contrário, a afirmação da ordem pública, conforme demonstrou Leandro Duarte Rust (2016) e parte constante do exercício do *poder senhorial-episcopal* (ALVARO, 2017 e 2016).

### Considerações finais

Para nós, a partir da análise da atuação militar do personagem *Don Jerónimo* no *PMC*, é possível verificar que as ações senhoriais se confirmam como elemento integrador do belicismo dos bispos na Idade Média Central. Ao mesmo tempo, é plausível afirmar que a concepção historiográfica de um agir político reformista por parte da Igreja de Roma como um projeto universal, é um tanto exagerado. Quanto a esta polêmica, duas conclusões devem ser postas.

Em primeiro lugar, aceitar que a ação normativa, a partir do IV Concílio de Latrão, foi ampla, nos levaria a crer erroneamente que os episcopados ibéricos, como demonstrado, intimamente vinculados às guerras e com as negociações senhoriais, seriam marginais frente a tão complexa política medieval, inclusive aquela praticada pelo papado (RUST, 2010).

Finalmente, abraçar o postulado de “Reforma Gregoriana” ou “Reforma Papal” como projeto centralizador de sucesso, nos obrigaria imediatamente a anular a ação dos senhores-bispos e ignorar conseqüentemente que suas ações militares eram parte fundamental do *modus operandi* das relações de negociação senhorial. Um senhor-bispo que vai de encontro à sua obrigação de fazer a guerra e, logicamente, de anular seu oponente, assinaria um atestado de inoperância prática na manutenção de seu poderio e autoridade episcopal na sua localidade, além de estar deixando de cumprir sua função de atual fundamental da ordem pública medieval (RUST, 2016).

Quando me refiro ao ato senhorial episcopal de anular seus inimigos, chamo a atenção para as suas possibilidades de ação: 1) com a morte física do oponente, por meio da guerra senhorial ou 2) com a morte da alma, por meio da excomunhão. Particularmente, e graças ao que se preservou por meio das narrativas, infiro que a excomunhão era uma ferramenta que poderia ser revertida quando as forças em choque se harmonizavam. Ou seja, havia a possibilidade de uma ressurreição política do oponente e, claro, o risco de novos desarranjos graças a isso.

Por outro lado, um personagem como *Don Jerónimo* no *PMC* ou os muitos senhores-bispos das crônicas e documentos diplomáticos, me permitem ir mais longe e,

neste caso, afirmar como conclusão que a morte pela espada episcopal incapacitava mais imediatamente que o uso da palavra. Ao observar uma sociedade cuja sacralização do derramamento do sangue impuro era um dos mais significativos caminhos para a purificação da alma, tudo me leva a defender que matar para vencer fazia o mesmo sentido para os bispos guerreiros que rezar para salvar.

## Referências bibliográficas

### Fontes medievais impressas

- ANÔNIMO. *Poema de Mio Cid*. 22 ed. Edición de Colin Smith. Madrid: Catedra, 2001.
- BERNARDO DE CLARAVAL. De la Excelencia de la Nueva Milicia. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de San Bernardo*. Edición Española preparada por el P. Gergorio Diez Ramos, O.S.B. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1955. 2 v. V. 2. pp. 853-880.
- LATARENSE IV. Edición de Raimunda Foreville. Vitória: Editorial ESET, 1972. *História de los Concilios Ecumenicos (6/2)*.

### Bibliografia

- ALVARO, Bruno Gonçalves. Um Estudo Comparativo do Poder Senhorial-episcopal em Castela e Leão no século XII. *Revista de História Comparada – Programa de Pós-Graduação em História Comparada - UFRJ*, 11 (1), 2017, pp. 41-76;
- \_\_\_\_\_. Bernardo de Sigüenza: A reconquista como fundamento para a dominação através do poder senhorial-episcopal em Castela no Século XII. *Dialogos – Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá-UEM*, 20 (3), 2016, pp. 116-128;
- \_\_\_\_\_. Um estudo sobre a atuação guerreira dos bispos-senhores nos séculos XI e XII: desmembramentos da pesquisa. *Roda da Fortuna. Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo*, 1 (1), 2014, pp. 10-31;
- \_\_\_\_\_. *As Veredas da Negociação: Uma Análise Comparativa das Relações entre os Senhorios Episcopais de Santiago de Compostela e de Sigüenza com a Monarquia Castelhana-Leonesa na Primeira Metade do Século XII*. Tese (doutorado) – UFRJ/IH/ Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Rio de Janeiro, 2013, 280 f.;
- \_\_\_\_\_; FRAZÃO DA SILVA, Andréia Cristina Lopes. Poema de Mio Cid e a Vida de Santo Domingo de Silos: Um estudo comparativo a partir de dois textos do século XIII. *Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura*, 3 (6), 2010, pp. 39-52.
- AUFRAY, Janine. Santiago Matamoros y el Cid Campeador. In: Congreso Internacional de Asociaciones Jacobeas, 4, Palencia, 19-22 de Septiembre de 1996. *Actas... España: Consejería de Educación y Cultura, 1997. pp. 275-288*.
- BELTRÁN, Luis. *Conflictos Interiores y Batallas Campales en el Poema de Mio Cid*. *Hispania*, 61 (2), 1978, pp. 235-244.

- BLÁZQUEZ GARBAJOSA, Adrián. *El Señorío episcopal de Sigüenza: economía y sociedad (1123-1805)*. Guadalajara: Institución Provincial de Cultura Marqués de Santillana, 1988.
- BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. Lisboa: Edições 70, 1982.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002.
- CHASCA, Edmund de. Problemas en Torno a la Composición del Poema del Cid. In: *MAGIS, Carlos H. (Ed.). Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas, 3, México, 1968. Actas... México: El Colegio de México, 1970, pp. 233-240.*
- DEYERMOND, Alan David. A Monument for Per Abad: Colin Smith on The Making of The Poema de Mio Cid. *Bulletin of Hispanic Studies*, 52, 1985, pp. 120-126.
- DOZY, Reinhardt. Le Cid d'Après de Nouveaux Documents. In: \_\_\_\_\_. *Recherches sur l'Histoire et la Littérature de l'Espagne Pendant le Moyen Âge*. 2 ed. Leyde: E. J. Brill, 1860. 2 v. V. 2. pp. 1-6.
- DUBOIS, Gene W. Sobre Fuentes y Orígenes del Poema de Mío Cid: El Caso de la Afrenta de Corpes. *Nueva Revista del Pacífico*, 4, 1995, pp. 163-172.
- FLETCHER, Richard. *Em Busca de El Cid*. São Paulo: Unesp, 2002.
- FRAZÃO DA SILVA, Andréia Cristina Lopes. *Reflexões sobre a Hagiografia Ibérica Medieval: Um estudo comparado do Liber Sancti Jacobi e das Vidas de Santos de Gonzalo de Berceo*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2008.
- \_\_\_\_\_. A Moralização do Clero Castelhana no Século XIII. *Veritas*, 40 (159), 1995, pp. 559-576.
- GARCÍA FITZ, Francisco. *La Reconquista*. Granada: EUG, 2010;
- \_\_\_\_\_. *Ejércitos y actividades guerreras en la Edad Media europea*. Madrid: Arco/Libros, SL., 1998.
- GARCÍA Y GARCÍA, Antonio. *Historia del Concilio IV Lateranense de 1215*. Salamanca: Centro de Estudios Orientales y Ecuménicos Juan XXIII, 2005.
- GUTIÉRREZ AJA, María del Carmen; RIAÑO RODRÍGUEZ, Timoteo. *El Cantar de Mío Cid. 2: Fecha y Autor del Cantar de Mío Cid*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2006. Disponível para download em: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmctxh011>. Último acesso em: 23 de fevereiro de 2017.
- HARNEY, Michael. *Social Stratification and Class Ideology in the Poema de Mio Cid and the Chanson de Roland*. In: *KAGAY, Donald J.; SNOW, Joseph T. (Eds.). Medieval Iberia: Essays on the History and Literature of Medieval Spain*. New York: Peter Lang, 1997. pp. 77-102.
- LACOMBE, Claude. *Jerónimo de Perigueux (¿1060?-1120) obispo de Valencia y de Salamanca: un monje-caballero en la Reconquista*. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, Centro de Estudios Salmantinos, 2000.
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón. *La España del Cid*. 4 ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1947. 2 v.
- MICHAEL, Ian. Per Abbat ¿Autor o Copista? Enfoque de la Cuestión. *Homenaje a Alonso Zamora Vicente*, 3 (1), 1991, pp. 179-205.
- MONTANER FRUTOS, Alberto. Mythopoeia and Myopia: Colin Smith's The Making of The Poema de Mio Cid. *Journal of Hispanic Philology*, 8, 1983, pp. 7-16.
- RATCLIFFE, Marjorie. Diego, Hijo del Cid, y la Fecha de Composición del Cantar de Mio Cid. *Dicienda: Cuadernos de Filología Hispánica*, 9, 1990, pp. 163-170.

- RUST, Leandro Duarte. A guerra como sacramento: bispos e violência antes das cruzadas (850-1050). *Locus: Revista de História do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora*, 22 (1), 2016, pp. 207-230;
- A Reforma Papal (1050-1150): Trajetórias e críticas de uma história*. Cuiabá: EdUFMT, 2013;
- \_\_\_\_\_. *Colunas de São Pedro: A política papal na Idade Média Central*. São Paulo: Annablume, 2010;
- \_\_\_\_\_; FRAZÃO DA SILVA, Andréia Cristina Lopes. A Reforma Gregoriana: trajetórias historiográficas de um conceito. *História da Historiografia*, 3, set-2009, pp. 135-152.
- SAINZ MORENO, Javier. *Jerónimo Visque de Perigord: autor del Poema del Mio Cid*. Madrid: Editorial Eterno Retorno, 1990.
- SCHMITT, Jean-Claude. Clérigos e Leigos. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Org.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru/ São Paulo: Edusc/ Imprensa Oficial do Estado, 2002. 2 v. V. 1. pp. 237-251.
- SMITH, Colin. Introducción. In: ANÔNIMO. *Poema de Mio Cid*. Edición de Colin Smith. 22ª Ed. Madrid: Catedra, 2001. pp. 17-139;
- \_\_\_\_\_. Apéndice I: Los personajes del poema y sus homólogos en la Historia. In: ANÔNIMO. *Poema de Mio Cid*. Edición de Colin Smith. 22ª Ed. Madrid: Catedra, 2001. pp. 341-360;
- \_\_\_\_\_. ¿Se Escribió en Cardeña el Poema de Mio Cid?. In: *Homenaje a Alvaro Galmés de Fuentes*. Madrid: Gredos, 1985. V. 2. pp. 463-474;
- \_\_\_\_\_. *The Making of The Poema de Mio Cid*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- UBIETO ARTETA, Antonio. Otro Dato Sobre la Cronología del Cantar de Mio Cid. *En la España Medieval*, 3, 1982, pp. 673-679;
- \_\_\_\_\_. El Sentimiento Antileonés en el Cantar de Mio Cid. *En la España Medieval*, 1, 1980, pp. 557-574.
- ZADERENKO, Irene. *Problemas de Autoría, de Estructura y de Fuentes en el Poema de Mio Cid*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 1998.

<sup>1</sup> A partir deste ponto utilizaremos a sigla *PMC* quando nos referirmos ao documento. Para citação de trechos do poema, utilizaremos a seguinte notação: (*PMC*, estrofe: versos).

<sup>2</sup> Ao que tudo indica, a última alteração do texto e estudos redigidos por Colin Smith foram realizadas pelo autor em sua terceira edição, datada de 1993.

<sup>3</sup> Como afirma Colin Smith, Don Jerónimo “es un personaje bien conocido en la historia como Jerónimo de Périgord, cluniacense procedente de Francia (...). Don Jerónimo vino a España, con otros muchos compañeros de la Orden, para aydar en la reforma de la iglesia peninsular bajo la dirección de Bernardo, arzobispo de Toledo desde la reconquista de esta ciudad en 1085. El poeta le menciona como obispo de Valencia poco después de la toma de la ciudad (1094), pero MP [Menéndez Pidal] no cree que llegase a España antes de 1097. En junio de 1098, el Cid convirtió la mezquita en catedral, dotándola generosamente, así como a suo bispo, en un documento que nos ha llegado, y es de suponer que don Jerónimo, enviado por el arzobispo de Toledo, tomase posesión de la sede en ese momento. Al ser abandonada Valencia en 1102, fue nombrado obispo de Salamanca, con Ávila y Zamora. Murió hacia 1120 y fue enterrado en la catedral de Salamanca (...). Cuando fue a Salamanca se llevó consigo varios diplomas de Valencia, que se conservan en aquella ciudad, y es posible que llevara todo el archivo del Cid, sirviendo éste de base documental a la composición de la *HR* [*Historia Roderici*] a mediados del siglo XII (...). En su persona *literaria*, Cristiano, guerrero y literato (verso 1290), el Jerónimo del poema debe mucho al arzobispo Turpin de la *CR* [*Chanson de Roland*] y otros textos” (SMITH, 2001, p. 356-357). Há alguns estudos que atribuem, devido a “historicidade” do *personagem*, a autoria do *PMC* ao bispo Jerónimo de Périgord (SAINZ MORENO, 1990). Finalmente, é interessante evocar aqui a comparação

---

literária entre *Don Jerónimo* e *Turpin*, da *Chanson de Roland*, e o quanto o “modelo” guerreiro de bispos aparecia como um *tópos* literário. Um interessante estudo pode ser lido em: HARNEY, 1997.

<sup>4</sup> Vale ressaltar que *Don Jerónimo* não é o único personagem eclesiástico no *PMC*, há ainda *Don Sancho*, abade de Cardeña. Diferentemente do “bispo guerreiro” *cidiano*, cujos dados históricos do momento de vida de *El Cid* são desconhecidos, *Don Sancho* seria, na verdade, Sisebuto, abade de Cardeña entre anos de 1056 até 1086 e que foi santificado na segunda metade do século XIII. Sisebuto viveu, de fato, no mesmo período que *El Cid* e segundo Colin Smith, “desde o punto de vista literario, el error no tiene importancia, pero debe tener una explicación (...). Creo que la sustitución se debe a razones puramente técnicas: *Sisebuto* no encajaría bien em el verso, y no hay rimas en *ú-o* en el poema” (SMITH, 2001, p. 356).